

TEACCH pelo TEACCH

A importância das avaliações

Paul Trehin (Autisme France)

Sumário

PORQUE AS AVALIAÇÕES SÃO TÃO IMPORTANTES?

EXISTEM ALGUNS "TESTES PADRONIZADOS INDUSTRIAIS? PARA CRIANÇAS AUTISTAS?

PORQUE E QUANDO AS AVALIAÇÕES SÃO ÚTEIS?

O USO DE BONS PROCEDIMENTOS DE TESTAGEM É SUFICIENTE?

COMO ALGUÉM PODE SER TREINADO PARA SER UM BOM APLICADOR DE TESTES?

EXISTEM OUTROS TESTES?

SEGUEM AQUI ALGUNS EPISÓDIOS REFERENTES A TESTES...

Os Procedimentos de avaliação e teste são vistos freqüentemente de uma forma negativa pelos pais e ?pouco percebidos? pela pessoa com autismo que está sendo submetida aos testes. É quase certo observar que as Avaliações estão sendo freqüentemente ministradas com um procedimento frio de ?passou- não passou? , que é, com freqüência, causa de sentimentos negativos por parte da pessoa que está sendo avaliada.

Acredito que as origens do problema sejam 2:

- 1) A pobreza da formulação dos procedimentos de avaliação/dos testes
- 2) A pobreza das habilidades do aplicador dos testes.

Entretanto, muitos testes são desenvolvidos puramente para fins de análise estatística e tendem a simplesmente a forçar sobre a pessoa algum tipo de medida da ?inteligência?, não importa o que isto signifique... Não estou certo de que estes tipos de testes tragam qualquer contribuição para o bem estar das nossas crianças.

De qualquer forma, existem outros tipos de testes que são muito mais ?amigáveis? e que não tentam medir a ?inteligência?, mas sim a capacidade de aprendizagem sob a perspectiva de um contexto desenvolvimentista. Nestes testes, a idéia é identificar as capacidades de aprendizado ?emergente? e os aspectos do ?Passou/Não-passou? reduzidos a uma categoria de importância menor. A idéia é que precisamente nestas áreas onde a criança quase passa, ou está começando a demonstrar sinais de que ela irá passar em breve é que deve ser concentradas as estratégias de ensino. A informação do ?Passou/Não passou? é incidentalmente registrada para permitir o acompanhamento da evolução da criança ao longo do tempo.

Como resultado, as crianças - e adultos também - tendem a ficar menos preocupados em relação ao fracasso, uma vez que eles não têm o sentimento de estarem sendo ?medidos?.

Nesse tipo de testes, o treinamento do aplicador é extremamente importante. Ele deve aprender a identificar as capacidades ?emergentes?, sem transmitir a sensação de fracasso quando a criança ?erra/falha? num item do teste em um nível correspondente ao seus limites. Um bom profissional continuará enviando um feedback/retorno positivo, mesmo quando a criança ?erra/falha? e quando isto acontece, simplesmente muda para o próximo item do teste. Desta maneira, a criança não é induzida a sentir negatividade. Lembre-se que este é um ambiente de avaliação e não uma atividade de ensino, logo o feedback/retorno positivo que é dado aqui, mesmo quando a criança erra/falha, não terá influência no seu programa de aprendizado.

Usando este tipo de procedimentos, a criança fará com frequência muito mais do que seus pais esperam que ela faça. Esqueci de dizer que um bom profissional não deveria temer os olhares atentos dos pais durante o teste. Para o bem da concentração da criança são comumente usados um espelho unidirecional ou um circuito de vídeo fechado, de forma que sua atenção não seja desviada por outras atividades. Eu assisti ao lado com os pais a aplicação de vários testes e na maioria das vezes eles se mostraram bastantes surpresos em relação às capacidades que seus filhos demonstraram durante o teste.

Todo bom procedimento de teste deve incluir uma discussão com os pais, e se possível com a professora responsável pela criança. Este é o momento para discutir as capacidades e/ou dificuldades para as quais eles sintam que o teste não foi suficientemente completo para identificá-las.

Por ultimo, mas não menos importante, os testes somente são úteis se usados como material para inserção num IEP e/ou para ajudar os pais e professores no desenvolvimento de estratégias de ensino que funcionem para aquela criança (adulto) neste momento da vida. Não deveriam ser usados como forma de previsão de sucesso futuro.

POR QUE AS AVALIAÇÕES SÃO TÃO IMPORTANTES?

Estou convencido de que a avaliação adequada das capacidades de aprendizado é um elemento fundamental de uma estratégia de ensino eficiente para pessoas autistas; ainda maior do que com outros transtornos do desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem.

As razões desta crença são que, além das grandes diferenças interindividuais existentes entre as pessoas autistas, existem variações tremendas de nível de desenvolvimento em uma criança em particular, dependendo da área que está sendo avaliada.

Uma pessoa autista pode ter pontuações numa área particular de desenvolvimento que podem estar próximas ou na idade cronológica. Isto ocorre porque as médias das pontuações são ainda mais sem sentido para pessoas autistas do que para outras pessoas...

EXISTEM ALGUNS "TESTES PADRONIZADOS INDUSTRIAIS" PARA CRIANÇAS AUTISTAS?

Eu não penso que existam avaliações que até agora alcançaram o status de "padronização industrial" para pessoas autistas. Alguns dos quais as pessoas tendem a considerar "os melhores da categoria", levando em conta nosso atual conhecimento sobre autismo, são o PEP-R para crianças e o AAPEP para adolescentes e adultos.

Esses instrumentos de avaliação têm estado disponíveis há muito tempo e têm sido aprimorados ao longo do tempo. Foram desenvolvidos inicialmente por Eric Schopler, Margaret Lansing and Robert Reichler, do programa "TEACCH", as edições posteriores incluíram os trabalhos de Ann Bashford e Lee Marcus. Os vários itens do teste são organizados pelas áreas de desenvolvimento:

- Imitação
- Percepção
- Habilidades motoras refinadas
- Habilidades motoras amplas
- Integração visomotora
- Desempenho cognitivo
- Cognitivo verbal

Em cada área, a progressão das dificuldades acompanha as escalas de desenvolvimento normal que foram validadas para uma população muito grande. O manual do PEP-R contém orientação completa de como ministrar o teste, levando em conta a especificidade do autismo.

Pelo que sei, existe apenas um outro instrumento de avaliação que atinge tal nível de detalhe, mas não é específico para o autismo: Instrumento de Avaliação do Potencial de Aprendizagem (LPAD "Learning Potential Assesment Device"), do Prof. Reuven Feuerstein.

A principal diferença entre estes instrumentos de avaliação e outros, é que eles não terminam no resultado de teste. Estratégias de ensino apropriadas tem sido combinadas com o nível considerado "emergente" em cada área de desenvolvimento. Isto é verdade para o PEP-R assim como para o LPAD.

Schopler e Mesibov publicaram os manuais "Estratégias de ensino" e "Atividades de Ensino", que contém estratégias educacionais testadas pela experiência ao longo do tempo e os níveis correspondentes de treinamento e exercícios.

POR QUE E QUANDO SÃO ÚTEIS AS AVALIAÇÕES?

Como eu disse em minha introdução, um teste cujo resultado que não serve como material para inserção em um programa educacional individualizado (1) é inútil. Se não é para isto, para serve para isto, porque afinal aplicá-lo?

Esta deveria ser uma das questões feitas para as pessoas que pedem pela aplicação de um teste: ?O que você fará com os resultados do teste? Você planeja usá-los para estabelecer atividades apropriadas de ensino??.

A segunda questão deveria ser ?Estarão lá professores treinados que conheçam as estratégias e atividades de ensino e quem irá aplicá-los com meu filho??. Para crianças muito novas esta questão pode ser: ?Terão atividades que serão indicadas para casa? Você irá nos ajudar a aprender como poderemos usá-las com nosso filho??.

Se a resposta para estas duas questões for tanto um não, quanto um duvidoso sim, não importando quanto o teste ou o aplicador seja competente, o benefício da testagem será muito limitado. Então é correto decidir rejeitar algumas destas demandas por avaliação. A propósito, uma freqüência anual é mais que suficiente.

SERIA SUFICIENTE O USO DE BONS PROCEDIMENTOS DE TESTAGEM?

Certamente não. Primeiro, assim como sugeri anteriormente, apesar do PEP-R por si só ser muito bem estabelecido como uma ótima ferramenta de avaliação, este pode ser usado de forma inapropriada, a média da idade de desenvolvimento que pode ser registrada não tem sentido, o que conta é a idade de desenvolvimento relativa a cada uma das áreas e o perfil resultante a partir delas.

Segundo ponto, se o professor atual da criança não esta realmente ciente a respeito dos objetivos do PEP-R, ele não aceitará os resultados.

Neste caso, infelizmente, pouco das informações obtidas através do PEP-R serão usadas para elaborar um IEP.

COMO ALGUÉM PODE SER TREINADO PARA SER UM BOM APLICADOR DE TESTES?

?E como um dos pais pode identificar um bom aplicador de testes quando ele é visto por antecipação como - ?portador de esperanças??.

Isso é uma questão difícil... Além das palavras ditas, da reputação do prestador do serviço, não há regras. Na realidade, um aspecto importante é que você tem que estar não só convencido que o aplicador do teste é realmente competente, mas que os profissionais de onde seu filho está estejam também convencidos e prontos para implementar as estratégias de ensino que resultarão das avaliações.

Muitos aplicadores de testes não têm habilidades ou a experiência necessária para aplicar testes, mesmo aqueles bem estruturados. Uma das habilidades do aplicador de testes é a paciência. Eu adicionaria a isso um profundo conhecimento de crianças autistas e um talento para apresentar os itens do teste como se fossem jogos.

Sempre me lembrarei de ter visto Margaret Lansing, um dos autores e designers do PEP e do PEP-R, no centro TEACCH na Carolina do Norte, aplicando o PEP em um garotinho. Ela estava calma o tempo todo, sempre alegre, parecendo brincar com ele continuamente, e ainda preenchendo e anotando rapidamente as observações para os vários itens com uma precisão estonteante. Estávamos com os pais atrás do espelho unidirecional e o diretor do centro TEACCH perguntou se eles não se importavam com o fato de outros pais estarem assistindo ao teste. Os pais simplesmente não conseguiam acreditar no quanto que seu filho estava conseguindo fazer.

EXISTEM OUTROS TESTES?

Pelo que sei, o PEP-R é o único procedimento de avaliação específico para crianças autistas. Isto não significa que um bom aplicador de testes não possa usar outros testes. Isto é particularmente verdadeiro para indivíduos com alto nível de funcionamento que alcança o máximo do PEP-R em algumas áreas. Os testes de adaptação social também podem ser bastante úteis, especialmente mais tarde para adolescentes e adultos para identificar e priorizar programas para o desenvolvimento de habilidades sociais.

Falando em adolescentes e adultos, o teste que segue o PEP-R é o AAPEP.

Este é mais orientado para o as capacidades de aprendizagem em treinamento vocacional.

Há outro exemplo bem retratado de avaliação e de estratégias de ensino, mas não específicas para autismo como o PEP-R e os dois outros manuais. Estou pensando sobre o Manual do LPAD e em seu acompanhamento ?Enriquecimento Instrumental? (2) muito difícil de se encontrar desde que não são mais impressos, mas se procurar em uma biblioteca de uma Universidade talvez você possa achá-lo. Algumas pessoas colocam: ?fico cogitando se nós não tornamos inviável o ambiente social da avaliação para crianças com autismo?.

A descrição do profissionalismo de Margaret Lansing dada anteriormente neste texto deveria convencê-los de que isto não é necessariamente assim. Existem aplicadores de testes muito bem treinados que abordam a criança com este tipo de habilidade. Infelizmente um número muito grande de pessoas pensa que é suficiente comprar o material de teste, acompanhar um treinamento clínico (nem sempre) e se auto-nomearem ?Especialistas em testes? e fazer mais estragos do que benefícios... A prática supervisionada é o único modo de tornar-se realmente bom. O treinamento não-supervisionado só pode levar a criança autista a se tornar em cobaia destes trainees... O treinamento supervisionado garante a qualidade do teste enquanto o treinamento supervisionado garante a qualidade da aplicação do teste enquanto o trainee aprende as habilidades graças à presença de um profissional altamente habilitado.

Outra coisa que também vale a pena mencionar é a duração de todo o procedimento. A avaliação por si só, leva de duas a três horas, dependendo da criança e se ela precisa descansar algumas vezes durante o teste. A discussão com os pais (e com o professor, quando possível) leva mais de duas ou três horas. O relatório é escrito pelo aplicador do teste e geralmente contém tanto os resultados do teste, quanto uma listagem de técnicas de ensino apropriadas aos resultados da avaliação. Isso leva cerca de um dia de trabalho. O aplicador do teste irá se beneficiar muito de gravar em vídeo a testagem. Isto o ajudará a verificar algumas pontuações alguns itens. Nem todo aplicador de teste tem a experiência de Margaret Lansing...

Com o que eu descrevi acima, acho que posso somente recomendar estes três manuais que foram publicados pelo Programa TEACCH, uma vez que eles são a série mais específica que estou ciente: Eric Schopler and Robert Reichler, "Individualized Assessment and Treatment for Autistic and Developmentally Disabled Children", 3 volumes:

1. Psycho Educational Profile
2. Teaching strategies for parents and professionals
3. Teaching activities for autistic children.

PROED, TEXAS, Publisher

SEGUEM AQUI SEGUEM ALGUNS EPISÓDIOS SOBRE TESTES...

Nossas crianças podem em geral distinguir situações de teste de situações cotidianas. Deste ponto de vista, o sucesso do teste para nos dizer algo útil irá depender basicamente de duas coisas:

- A qualidade do teste

- A qualidade do aplicador

1. A qualidade do teste: ele é adaptado à criança e ao autismo? Um ?aplicador? experiente, com uma longa experiência em testar crianças autistas ?sentirá? qual será o melhor nível do teste a ser aplicado. Ele adaptará a criança interativamente.

2. A qualidade do ?aplicador?: O Professor Mittler, um dos maiores especialistas do mundo em deficiência mental, tem uma boa expressão: ?Quando um profissional me diz que uma criança é intestável, isto me diz muito mais do profissional do que da criança...?.

Gostaria de falar sobre duas situações de teste que ficam na minha cabeça entre tantas outras...

Uma falha: Meu filho estava sendo testado por um psicólogo que pouco conhecia sobre autismo, tentava descobrir se ele conhecia o conceito de ?Estranho, Esquisito, Bizarro? e lhe pedia para apontar objetos estranhos dentre objetos normais. Ele aparentemente foi mal sucedido em todos os itens do teste propostos neste nível.

O psicólogo começou explicando à minha mulher que este era um nível de abstração além das possibilidades do meu filho. Neste momento, meu filho começou a desenhar uma casa com um teto de ponta cabeça, um carro com asas de avião e os mostrou ao psicólogo: ?Você quer mais?? O psicólogo riscou sua avaliação para este item.

Um sucesso: Meu filho estava sendo testado por um psicólogo que sabia muito sobre autismo, mas ainda não o suficiente. Em um momento da avaliação, ele não pôde dizer se o fracasso do meu filho ao realizar um dos itens do teste foi devido a uma carência de compreensão ou a um problema de habilidade motora refinada. Acredite ou não, ele admitiu isso na nossa frente e perguntou ao Prof. Cohen qual tinha sido sua compreensão deste aspecto.

Dr. Cohen, disse: ?Vamos tentar algo. Gilles, você gostaria de brincar comigo?...? Tomou o sinal de sim como OK, e desenhou duas linhas retas paralelas, com um espaço muito pequeno entre elas. ?Gilles, finja que meu risco é um carro...? Meu filho ?disse? OK... ?Esta é uma estrada, você pode dirigir o carro nesta estrada? Meu filho pegou a caneta esferográfica e começou a ?dirigir?. O Dr. Cohen comenta: ?não esbarre na parede, OK, continue, não esbarre na parede...?. Meu filho entra no jogo e, brincando, chegou ao ponto perto da ?parede? . ?Não esbarre na parede?, diz novamente o Dr. Cohen. Após um tempo ?bom trabalho Gilles, você conseguiu?. Então, o rosto feliz de meu filho.

O Dr. Cohen começa a nos explicar e, ao seu assistente: ?Nós podemos descartar qualquer possibilidade de problemas de motricidade fina?. E ele continuou a discussão conosco.

Alguns minutos depois, meu filho puxou a manga da blusa do Dr. Cohen, mostrou a ele o que ele tinha acabado de desenhar; uma série de curvas paralelas na forma de uma estrada nas montanhas: "Sua vez agora?", disse o meu filho, devolvendo a caneta esferográfica para o Dr. Cohen... E o Dr. Cohen parou a explicação para "dirigir" a caneta hidrográfica pelas curvas da "estrada" e meu filho falou: "Não esbarre na parede, Bom, continue...?".

O sucesso do teste apóia-se completamente na capacidade de encorajar a participação da criança, como eu disse anteriormente, isto depende tanto da qualidade do teste quanto da qualidade do "aplicador".

Notas de rodapé

(1) Observe que eu não usei letras maiúsculas para programa educacional individualizado. Estou mais interessado no atual uso do conceito do que pelo pedaço de papel chamado IEP...

(2) Referencias à avaliação de Feuerstein e abordagens de ensino.

R. Feuerstein, The Dynamic Assessment of Retarded Performers, University Park Press, 1979

R. Feuerstein, Instrument Enrichment, University Park Press, 1979

Paul Trehin

This page was last updated on Thursday January 1st, 2004

© 1995-2004 The University of North Carolina

All Rights Reserved

Tradução: Beatriz Toledo

Revisão: Marialice de Castro Vatauvuk